

.brUniversidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Instituto de Medicina Social
Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva

DEPARTAMENTO:		PROFESSOR: Ruben Mattos	
ANO:	2018	CÓDIGO:	
SEMESTRE:	2º	CARGA HORÁRIA / CRÉDITOS:	30h/2 créditos
INÍCIO (dia/mês):	13/09	DIA DA SEMANA/HORÁRIO	Quinta-feira/ 8:30-12:00
TÉRMINO (dia/mês):	22/11		

DENOMINAÇÃO DA DISCIPLINA

Para repensar o planejamento de saúde: trajetórias conceituais e metodológicas

EMENTA E PROGRAMA DETALHADOS:

O planejamento de saúde tem surgido em algumas análises recentes como a solução para alguns dos problemas da configuração do SUS. São exemplos: a construção de redes de serviços de saúde, as pactuações e construções de metas a serem alcançadas e o estabelecimento dos critérios para a repartição dos recursos federais entre os demais entes de governo. Mas como assim? De que planejamento de saúde precisamos? Que planejamento de saúde queremos? A disciplina toma estas duas inquietações como ponto de partida para um exame da história do planejamento de saúde na América Latina, com ênfase nas suas formulações teóricas e conceituais. Opera-se assim na perspectiva de uma história orientada pelas questões do presente.

Não se quer, entretanto, dar respostas aquelas inquietações, que precisariam da clara definição de um único “nós”, que inexistente na atual configuração da saúde coletiva, e tampouco no âmbito do SUS. A disciplina pretende tão somente oferecer subsídios para o seguimento dos debates, reconhecendo as diferenças entre correntes de pensamento. Mapear tais diferenças (entre os planejamentos normativos, os estratégicos, e os comunicacionais, por exemplo, ou entre os que sonham com a racionalidade guiando a vida e aqueles que apostam simplesmente na potência da vida, para ilustrar de dois modos diferenças registradas na área), parece-nos um passo para abrir novos horizontes, e repensar o planejamento.

A disciplina começa examinando o pensamento da Cepal nos anos 50 e 60, e sua proposta de planificação do desenvolvimento dos países periféricos, que oferece contexto tanto para a compreensão do método Cendes/Opas, como do pensamento crítico de Carlos Matus. Segue tratando da crítica deste último à experiência de planejamento na América Latina, que serviu de base para o posterior desenvolvimento da sua proposta (do planejamento estratégico situacional). Especial ênfase será dada a compreensão da tipologia designada pelo autor de planejamento normativo, e sua tentativa de construir uma nova forma de pensar o planejamento, que chamará de estratégico.

Seguimos examinando a construção do método Cendes/Opas, sua utopia tecnocrática (sua pretensão de substituir a política pelos critérios racionais no que tange a alocação de recursos) e seu epidemiologicismo na construção dos critérios propostos (voltados para otimizar (se não maximizar) o impacto epidemiológico dos recursos gastos na saúde). Também trataremos o modo de pensar proposto sobre o que o método chamava de normas, ainda disseminado nas práticas de programação ainda hoje predominantes.

Em seguida, examinaremos as reflexões autocríticas de Mario Testa, e seu deslocamento desde a utopia tecnocrática para uma compreensão da política, sua aproximação de Carlos Matus, e sua crítica à normatividade política daquele autor. Assim poderemos examinar como na área de planejamento (pelo menos na sua vertente acadêmica) surgiu as divisões entre os autores matusianos, que sonhavam em ensinar métodos mais eficazes em contextos de conflito, e testistas, que sonhavam mais com a difusão de um modo estratégico de pensar, mais do que um planejamento estratégico.

Examinaremos em sequência alguns dos desdobramentos brasileiros em ambas as vertentes, aproximando de um estado da arte atual.

BIBLIOGRAFIA INDICADA:

Campos, R. O. O planejamento no labirinto: uma viagem hermenêutica. São Paulo: Hucitec, 2003.
Campos. G.W. S. Um método para análise e co-gestão de coletivos. São Paulo: Hucitec, 2000.

Giovanella, Ligia. A Proposta de Mario Testa para o Planejamento em Saúde. In: Lígia Giovanella. (Org.). Planejamento estratégico, programação e orçamentação em Saúde. Rio de Janeiro: SDE/ENSP, 1992, v. , p. 14-37

Gonçalves, R.B.M.; Schaiber, L.B.; Nemes, M.I.B. Seis teses sobre a ação programática em saúde. In: Schaiber, L.B. Programação em saúde hoje. São Paulo: Hucitec, 1993

Mattos, R.A. O processo de construção conceitual do método Cendes/OPAS. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993. (Série Estudos em Saúde Coletiva, nº 46). Disponível em www.ims.uerj.br

Mattos, R. (Re)Visitando alguns elementos do enfoque situacional: um exame crítico de algumas contribuições de Carlos Matus. Ciência e Saúde Coletiva, 15 (5) 2327-2336, 2010.

Matus C. Estrategia y plan. Mexico: Siglo Veintiuno Editores; 1993.

Matus C. Política planejamento & governo. Brasília: IPEA; 1993.

Matus C. Política y plan. Caracas: IVEPLAN; 1984.

Matus, C. Carlos Matus e o Planejamento Estratégico Situacional. In Rivera, F.J.U.; Matus, C.; Testa, M. Planejamento e programação em saúde. Um enfoque estratégico. São Paulo, Cortez, 1989.

Merhy, E.E. ; Chakkour, M. Em busca de ferramentas analisadoras das tecnologias em saúde: a informação e o dia a dia de um serviço. In Merhy, E. E.; Onoko, R. (org) Agir em Saúde: um desafio para o público. São Paulo: HUCITEC, 1997.

OPAS. Formulation de políticas de salud. Santiago: OPAS, 1975.

OPAS. Problemas Conceptuales y metodológicos de la programacion de la salud. Washington: OPAS,1965. (Publicaciones Científicas Nº 111)

Rivera, F.J.U. (org) Análise estratégica em saúde e gestão pela escuta. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

RIVERA, Francisco Javier Uribe e ARTMANN, Elizabeth. **Planejamento e gestão em saúde: histórico e tendências com base numa visão comunicativa.** *Ciênc. saúde coletiva*. 2010, vol.15, n.5, pp. 2265-2274.

Rodrigues O. Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

Teixeira, C. Planejamento em saúde: conceitos, métodos e experiências. Salvador: EDFBA, 2010

Testa M. Tendências em planificação. In: Rivera FJU, organizador. Planejamento e programação em saúde: um enfoque estratégico. São Paulo: Cortez; 1989. p. 77-103.

TIPO DE AVALIAÇÃO:

Seminários e apresentação de resenhas.